

Conhecimento humano: Filosofia e Sociologia – surgimento e contribuições nos cursos de graduação

Paulo Roberto Miranda

Suely Amado

Introdução

Desde a antiguidade até os dias atuais a humanidade procura respostas, para compreender os fenômenos que se manifestam na sua existência, (nascimento, vida, morte, o tempo, as estações, etc) a partir dos *juízos de realidade* por pretender mostrar como os fenômenos ocorrem. O interessante é observar como estas respostas foram sendo elaboradas e fundamentadas pelo desenvolvimento do pensamento.

O homem ao entrar em contato com o mundo se torna algo mais do que um cabeça pensante diante do mundo real. Entre ambos surge a imaginação, a fantasia, a admiração, o espanto. Nesse sentido, o homem teme o mundo, mas deseja controlá-lo. Esse desejo está preso ao ser humano, afasta a insegurança, os temores e a angustia do desconhecido.

Durante a Pré-História, o homem buscava suas explicações no sentimento de religiosidade, na metafísica (ser superior), na crença encontrava suas satisfações.

Com o surgimento das grandes civilizações e com o desenvolvimento do pensamento e da reflexão, surge o Mito. O mito não é necessariamente uma explicação, mas visa acomodar e tranquilizar os homens em um mundo assustador, enigmático. (ARANHA, 1999, p.26).

Os primeiros modelos de construção do real são de natureza sobrenatural, isto é, o homem recorre aos deuses para apaziguar sua aflição. É um discurso de tal força, que penetra todas as dependências da realidade vivida, e não apenas o campo religioso, ou seja, da relação entre o homem e o divino, mas existe em toda a atividade humana.

O mito não necessita de provas, é a primeira leitura que o homem faz do mundo. Da evolução da mitologia, surge a filosofia. Este pensamento é uma explicação racional, um convite a discussão, a reflexão, a indagação, a

sistematização do pensamento, portanto, rejeita o sobrenatural e ura pela verdade. Da passagem do mito para a filosofia há uma continuidade e uma ruptura quanto à atitude das pessoas diante do pensamento. Como explica Aranha (1999, p.37):

Na verdade, o mito é uma narrativa cujo conteúdo não se questiona, enquanto a filosofia problematiza, portanto, convida à discussão. Enquanto no mito a inteligibilidade é dada, na filosofia ela é procurada. A filosofia rejeita a interferência de agentes divinos na explicação dos fenômenos; a natureza dessacralizada (isto é, que deixa de ser sagrada) inaugura o pensamento positivo. E ainda mais: a filosofia busca a coerência interna, a definição rigorosa dos conceitos, o debate e a discussão; organiza-se em doutrina e surge, portanto, como pensamento abstrato.

Portanto, quando ocorreu a passagem do mundo mítico para a explicação racional, na Grécia Antiga apareceram os primeiros sábios (*sophos*) em grego. Surge então a Filosofia (*philos-sophia*), que significa “amor à sabedoria”. Observa-se que a filosofia não é um puros logos, pura razão, ela é a busca pela verdade.

Durante um longo período no Ocidente, o pensamento e a explicação dominante foi de inspiração teológica. Com a queda do Império Romano do Ocidente a Europa Ocidental volta a ser uma sociedade agrária e teocrática. Ocorrendo a submissão da razão e da filosofia ao pensamento da religião. A razão deixa de oferecer melhor explicação para os fenômenos do mundo. Como nos confirma Costa (2005, p.18):

Durante a Idade Média, período de hegemonia da Igreja Católica no Ocidente, a racionalidade passou a ser considerada como mero instrumento auxiliar da fé. O espírito especulativo deu lugar a uma visão instrumentalista da filosofia pelo qual pensadores, como Platão e Aristóteles, só interessavam na medida em que reafirmavam o incontestável poder da igreja. A fé e a crença, como nas sociedades agrícolas míticas, voltavam a condicionar o comportamento humano e a sociedade, e a explicá-los. Apenas as ordens religiosas, isoladas nos mosteiros, tinham acesso a textos de filosofia, geometria e astronomia. A população laica deixou de participar desse conhecimento.

Com a crise da sociedade feudal, no renascimento o homem redescobre o prazer de investigar o mundo. Do século V ao XV o domínio da Igreja Católica impossibilitava o desenvolvimento do pensamento racional. Em decorrência disso assistimos nos últimos séculos, e em particular a partir do século XVII, ao

crescente progresso desse método de conhecimento – a ciência.

A partir desse período, a revolução científica iniciada por Galileu Galilei determinou a ruptura com as formas de explicação do real. Aprimoraram-se as técnicas e os utensílios de medição, desenvolveram-se as universidades, lentamente apareceram as chamadas ciências naturais e particulares (Física, Química e Biologia), delimitando um campo específico de pesquisa. Como explica Aranha (1999, p.45):

Na verdade, o que estava ocorrendo era o nascimento mesmo da Ciência, pois ela não existia propriamente antes disso. À física cabe a investigação do movimento dos corpos, à biologia, a natureza dos seres vivos; à química, as transformações substanciais, e assim por diante.

Nesse sentido, o conhecimento científico é uma conquista recente da humanidade, a ciência nasce com a determinação do objeto específico de investigação e com método fundado sobretudo na experimentação e observação. Essas observações tornam-se generalizações e acabam virando leis. As condições de laboratório, o confronto de resultados e a conseqüente verificabilidade permitem a uniformidade para as conclusões, visando à objetividade. Além do que, a ciência não permite juízo de valor.

1- Filosofia e sua contribuição nos cursos de graduação

Mais de uma década, atuando no curso de graduação, presenciamos um número preocupante de alunos, no ingresso do curso, manifestarem dificuldades de raciocínio lógico, falta de coerência no pensamento, carência de visão crítica, falta de consciência de si e do mundo que está inserido, limitação da própria realidade. Mas chegam com sede de aprender e tem o propósito de serem diferentes e fazer a diferença.

Diante desta realidade, a disciplina de filosofia é necessária, em todos os cursos de graduação, e em especial no curso de pedagogia. Esta disciplina não é novidade para os nossos alunos, ela faz parte dos currículos da segunda fase do ensino fundamental e do ensino médio. Mas, a maioria dos nossos alunos são oriundos da escola pública e relatam que estudaram vagamente e muitos não tiveram a disciplina de filosofia. Sendo assim, cabe a nós professores de filosofia

do curso de graduação, e principalmente da pedagogia, trabalhar a priori todos os conceitos filosóficos. Pois sabemos que o aprendizado de filosofia é de fundamental importância para a vida acadêmica.

As primeiras aulas são voltadas para conscientização do aluno, pela forma de ver o mundo e o conhecimento científico, oportunizando o aprender a aprender de forma crítica e consciente. A conscientização crítica deve fazer parte de um processo interminável da busca do conhecimento, assim como é interminável o processo de crescimento humano e do desvelamento das ideologias dominantes presente na cotidianidade. O aluno precisa saber que ao ingressar na vida acadêmica deve rompendo com as amarras (senso comum, alienação, ideologias dominantes) para adquirir um compromisso político e um sentimento de pertença ao mundo que se encontra e ao que se propõem como futuro profissional, de forma crítica e construtiva. Ele precisa ter consciência de seu ingresso a um outro mundo, o mundo da busca e da construção do conhecimento, e a partir de então passa a fazer parte de uma elite pensante, sendo assim torna-se capaz de absorver analiticamente a realidade social e adquirir habilidade de refletir objetivamente sobre ela.

Para tanto, é necessário que o aluno faça a recusa da opinião (*doxa*) e se propõe ir em busca da verdade (*teoria, conhecimento*), vejamos uma citação de Descartes ao descobrir o mundo do conhecimento. COTRIM (2002, p.50)

Há algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão duvidoso e incerto, de modo que me era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, me desfazer de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente desde os fundamentos.

A descoberta de Descartes se deu por meio da filosofia, COTRIM (2002, p.151)

Para conhecermos a verdade, é preciso, de início, colocarmos todos os nossos conhecimentos em dúvida, questionando tudo para criteriosamente analisarmos se existe algo na realidade de que possamos ter plena certeza.

Ao iniciar o semestre letivo, ao definir o conceito de senso comum e filosofia, é posto em questão aos alunos: *o que deve fazer daquilo que fizeram de mim?*

Assim, inicia-se a disciplina de filosofia propriamente dita. Para compreender é preciso definir, portanto, a palavra filosofia que é formada pela união de dois termos gregos: Filos - *amigo, amor* e Sofia - *sabedoria*. A Filosofia tem o sentido etimológico de *amor à sabedoria*. Foi atribuído ao filósofo (pré-socrático) Pitágoras como grande sábio, do século VI a C. quando o príncipe Leonte perguntou a Pitágoras qual era a natureza da sua sabedoria, ele disse: *sou apenas um filósofo*. Portanto, não detinha a posse da sabedoria, mas assumia a posição de *amante do saber*. A filosofia veio promover a passagem do saber mítico ao pensamento racional.

Tales de Mileto, pai da filosofia, distingue o ser humano dos outros seres irracionais. Para ele, *o saber é uma conquista e produção do homem*. O fundamento desta concepção é que o homem é um animal racional. Para o filósofo Aristóteles, *todos os homens tendem, por natureza ao saber*. Tender significa que deseja o saber e pode obtê-lo. Portanto, é específico ao ser humano (ser cognoscente) conhecer o conhecimento e transformá-lo. Os animais irracionais agem por instinto e o ser humano age pela razão.

Para o filósofo Platão é necessária uma ciência em que coincida fazer e saber utilizar o que é feito. Esta é a FILOSOFIA, que proporciona seu saber em proveito do homem. *De nada adianta o homem possuir a capacidade de*

transformar pedras em ouro a quem não soubesse utilizar o ouro. A área de conhecimento que propõem como primeiro passo metodológico o exercício da reflexão, o estudo sistemático que resulta no aprender a fazer e saber utilizar o que é feito, é a filosofia, que veio para contribuir com todas as ciências, sendo inserida nos currículos de todos os cursos de graduação.

Quando olhamos para o interior da Faculdade e compreendendo o seu objetivo primeiro, percebemos a necessidade de ressignificar os valores do cotidiano da sala de aula através da prática docente. Para isso, o professor precisa analisar sua ação pedagógica, cotidianamente, de forma a ressaltar seu sentido, significado e finalidade, explicando cada passo aos seus alunos para que os mesmos encontrem significado no objeto a ser conhecido. Quando o aluno conseguir responder estas indagações estará no caminho certo do conhecimento: O porquê conhecer? Como conhecer? Para que conhecer?

A filosofia vem para possibilitar aos alunos a adquirir uma postura autônoma de pensamento, perceber critérios de certeza sobre a validade do conhecimento, não esperar respostas prontas, mas ser capaz de elaborá-las. É imprescindível adquirir hábito de leitura e leitura crítica para sair do esquema linear do dia a dia da sala de aula, reelaborando o conhecimento a ser trabalhado pelo professor. Não se colocar na passividade diante o objeto a ser conhecido que o confirma na posição de alienação e estreitamento de idéias.

Para adquirir uma postura filosófica precisamos distanciar da vida cotidiana feita de crenças silenciosas, da aceitação tácita de evidências que não questiona por considerar natural e óbvia. Para Jostein Gaarder (2000, p.32) é preciso acordar do sono encantado do cotidiano por não achar o mundo uma evidência. Em nosso cotidiano fazemos perguntas óbvias sem que exija de nós pensar, refletir, questionar e reelaborar. O aluno precisa distanciar-se desta visão pretrificada para adquirir a atitude filosófica. A primeira atitude é **negativa**, dizer não às coisas que alienam e a segunda atitude **positiva**, interrogar, questionar,

refletir, elaborar e reelaborar as ideias, as situações, os valores e tudo que faz a realidade, o conhecimento.

Para o filósofo Jostein Gaarder (2000, p.24) o ser humano não vive apenas de pão, há a necessidade de descobrir quem somos e por que vivemos? Como surgiu o Universo, a Terra e a vida? O melhor meio de se aproximar da filosofia é fazer perguntas filosóficas: O que é? Como é? Por que é? A filosofia coloca o pensamento voltado para si mesmo, pensar o próprio pensamento, interrogando a si mesmo, esta é a chamada reflexão.

Para Chauí(2002, pgs.14 e 15) a reflexão filosófica é radical porque é um movimento de volta do pensamento sobre si mesmo para conhecer a si mesmo. Ela se organiza em torno de três grandes conjuntos de perguntas: 1- Por que pensar o que pensamos, esta é para encontrar o **motivo, as razões e as causas** do objeto que pensamos. 2- O que queremos pensar quando pensamos, **o conteúdo e o sentido** do objeto pensado. 3- Para que pensar o que pensamos, **a intenção e a finalidade** do que é o objeto que pensamos.

A atitude filosófica busca a compreensão da essência, do significado, da estrutura e origem do conteúdo a ser conhecido. A reflexão filosófica indaga sobre a capacidade, a finalidade do ser humano poder conhecer.

Portanto, pensar filosoficamente é preciso ter um pensamento sistemático, trabalhar com um sentido lógico entre os enunciados. O conhecimento filosófico exige um trabalho intelectual, descarta a opinião, busca do fundamento e o sentido das coisas, por isso, trabalha com análise, com a reflexão e com a crítica. Ela não é ciência, e sim uma reflexão crítica sobre os procedimentos e conceitos científicos, os fatos e tudo o que possibilita ser o mundo.

Diante desta definição para demonstrar a necessidade da disciplina de filosofia, percebe que nós educadores temos a responsabilidade de trabalharmos com a verdade que é mais que um simples dizer, é possibilitar a descoberta. Para Sócrates o magistério é comparado com a gravidez, o mestre faz crescer dentro

do aluno o amor pelo saber, nutre a força do pensamento, incentiva no aluno a capacidade de correlacionar os conteúdos, e como parteiro, ajuda os alunos a dar luz as novas ideias e chegar a elaborar as conclusões pessoais. Para Juliatto a disposição para o aluno aprender precisa ser sempre cultivada pelo professor, motivada pela autocrítica. O verdadeiro educador é aquele que vai ao encontro de seus educandos, e está sempre de prontidão para os questionamentos que possa surgir.

Juliatto (2007, pgs. 75 e 76) traz o índice de evasão dos alunos no decorrer da vida acadêmica: de cada 100 alunos que ingressam no primeiro ano do ensino fundamental, 89% concluem o quinto ano e 54% o nono ano. O ensino médio é frequentado por apenas 40% entre adolescentes e jovens e apenas 6% da população brasileira possui diploma do ensino superior. O Brasil tem um alto índice de repetência escolar. Portanto, os nossos alunos de graduação são privilegiados, mas precisam ser valorizados e ser responsabilizados pelos seus estudos. Eles precisam adquirir consciência e bom aproveitamento dos seus estudos. O curso superior não é shopping center onde se pode comprar aquilo que mais apetece. Pelo contrario é lugar de formação para a vida, o que é oferecido não pode ser levemente escolhido ou deixado de lado. O acesso ao saber é precioso e não tem preço, e nossos alunos precisam perceber o valor que tem o estudo, pois, os quatro anos de estudos são únicos, as oportunidades não voltaram. Sendo assim, é necessário adquirir a consciência da responsabilidade pelo lugar que ocupa enquanto estudante do curso superior, e evitar a mediocridade acadêmica. Eles são nosso futuro, e só há progresso através do conhecimento e do empenho ético dos profissionais que formamos todo semestre.

2- Sociologia: o surgimento

Com a crise do Modo de Produção Feudal, a Igreja Católica perde força na Europa Ocidental, com isso o seu modelo de explicação é suplantado pela

razão científica. No Renascimento o homem ocidental redescobre o prazer de investigar o mundo livre das amarras da interpretação religiosa e metafísica. A explicação científica baseia-se nas ciências naturais, é uma procura pelas causas dos fenômenos naturais.

Todo pensamento que desejava vir a ser científico tinha que necessariamente naquele momento que seguir os passos das ciências naturais. Cada ciência particular possuía seu objeto específico, uma questão complexa para a sociologia. Qual seria o objeto de pesquisa da sociologia?

A sociologia é uma ciência jovem no contexto do conhecimento científico, surgiu como um corpo de ideias voltadas para a discussão da sociedade capitalista (moderna, industrial) e suas contradições. A sociologia pode ser definida como a “ciência da crise”, foram tantas as transformações sociais e políticas que assolaram a Europa Ocidental que se tornou necessária uma explicação científica. Para TOMAZI (2006, p.1):

A Sociologia como “a ciência da sociedade” não surgiu de repente, nem resultou das ideias de um único autor, ela é fruto de toda uma forma de conhecimento e de pensar a natureza e a sociedade, que se desenvolveu a partir do século XV, quando ocorreram transformações significativas que desagregaram a sociedade feudal, dando origem à sociedade capitalista.

Assim, foi preciso colocar a própria sociedade como objeto de estudo, isso ocorreu devido a uma série de fatos, acontecimentos, processos que modificaram bruscamente o modo de ser e ver dos europeus, exigindo uma resposta da razão científica. Como nos confirma TOMAZI (2006, p.2):

As transformações ocorridas a partir do século XV estão todas vinculadas entre si e não podem ser entendidas de forma isoladas. Desse modo, a expansão marítima, as reformas protestantes, a formação dos estados nacionais, as grandes navegações e o comércio ultramarino, bem como o desenvolvimento científico e tecnológico são o pano de fundo para uma visão melhor desse movimento intelectual de grande envergadura que irá alterar profundamente as formas de explicar a natureza e a sociedade daí para frente.

Com a sociedade moderna a razão se coloca contra o dogmatismo e a autoridade papal, possibilitando uma nova explicação para os fatos sociais.

A sociedade capitalista transformou-se de maneira brusca no século XVIII quando foi implantada a maquinofatura. Começou a ocorrer um intenso processo

de urbanização, as cidades não estavam preparadas para receber o crescente número de contingente populacional. O modo de vida das pessoas modificou-se de maneira radical. Saindo do campo para a cidade, o homem deixou de possuir os meios de produção e tornou-se um trabalhador assalariado.

No primeiro momento da Primeira Revolução Industrial, o trabalho feminino e o infantil suplantaram o trabalho do homem, o que gerou uma grande crise. Na sociedade agrária, o homem sustentava (mantinha) a casa, agora desempregado era considerado um “vagabundo”. Mesmo diante de tantos desafios e num contexto de profundas mudanças no processo produtivo, a maquinofatura se desenvolveu e expandiu-se ocorrendo a consolidação do Modo de Produção Capitalista.

Com o processo de consolidação do sistema capitalista no século XIX na Europa Ocidental surgem, portanto, os elementos que servirão de base para o surgimento da sociologia como uma ciência com objeto específico.

Os primeiros passos na direção de uma explicação racional (científica) para os problemas sociais foram propostos por Auguste Comte. Explica TOMAZI (2006, p.5):

Auguste Comte desde cedo rompe com a tradição familiar, monarquista e católica, torna-se republicano com ideias liberais e passa a desenvolver uma atividade política e literária que lhe permitirá elaborar uma proposta para resolver os problemas da sociedade de sua época. Comte se preocupou fundamentalmente em como organizar nova sociedade que estava em ebulição e em total caos. Essa foi uma preocupação constante, já que a desordem e a anarquia imperavam em consequência da confusão de princípios (metafísicos- teológicos) que não mais se adequavam à sociedade industrial em expansão.

Com sua leitura de mundo Comte propõe uma reforma total da sociedade, a começar pela questão intelectual do homem. Para o autor ao se modificar o modo de pensar dos homens através do método científico, teríamos como consequências a reforma das instituições. “Nesse ponto é que aparece a Sociologia, ou “física social”, ciência que, ao estudar a sociedade através da análise de seus processos e de suas estruturas, proporia a reforma prática das instituições” (TOMAZI, 2006, p.5).

A sociologia seria para Comte a rainha das ciências, representava o coroamento do conhecimento científico. Durante esse período de surgimento, essa forma de explicação seguia o modelo desenvolvido pelas ciências naturais, portanto, como as demais ciências, deveria sempre buscar a reconciliação entre

os aspectos dinâmicos e estáticos do mundo natural.

3- Sociologia: contribuição para a educação e formação

A sociologia se interessa pelas questões sociais, independente da concepção, corrente ou autor. É uma ciência que hoje se divide em várias disciplinas, no entanto, não são campos teóricos específicos. Como nos confirma Florestan Fernandes (1966, p.29):

A sociologia divide-se em várias disciplinas, que estudam a ordem existente nas relações dos fenômenos sociais de diversos pontos de vista irredutíveis, mas complementares e convergentes. Contudo, nada disse (até aqui) sobre as chamadas “sociologias especiais”, como a Sociologia Econômica, a Sociologia Moral, a Sociologia Jurídica, a Sociologia do Conhecimento, (a Sociologia da Educação) etc. A rigor, essa designação é imprópria. Como acontece em qualquer ciência, os métodos sociológicos podem ser aplicados à investigação e à explicação de qualquer fenômeno social particular sem que, por isso, se deva admitir a existência de uma disciplina especial, com objeto e problemas próprios.

Percebemos então, que para Florestan Fernandes o sociólogo aplica seus conhecimentos científicos para explicar os diversos fenômenos sociais. Nesse sentido, a sociologia da educação é uma área de interesse do pesquisador e não uma área especial. No campo sociológico são vários os pensadores que se dedicaram ao estudo da educação como Emile Durkheim, Florestan Fernandes, Antônio Cândido, Karl Mannheim etc.

Para Mannheim (1966) quando se procura estudar a educação é preciso realizar uma reflexão. Este ato reflexivo não é uma tarefa fácil, pois, faz-se necessário um conjunto de teorias que envolvem diversos campos do conhecimento. “destarte, a reflexão filosófica, a Psicologia e a Sociologia são estudos fundamentais que, juntos, fornecem um corpo de conhecimentos capazes de aprofundar a compreensão da educação como um todo e ampliar-lhe a perspectiva” (MANNHEIM, 1962, p.32).

No geral, quando um sociólogo utiliza o conceito de “educação”, ele estará tratando da educação no sentido Lato Sensu, ou seja, em sua forma ampliada. Esse olhar lhe permitirá focalizar no campo social a diversidade e a complexidade

de todo o processo educacional que ocorre na escola, mas principalmente no meio social. Para a sociologia a educação só ocorre em uma situação social.

Sendo assim, o grande agente educativo seria a sociedade, a comunidade da qual fazemos parte, um processo contínuo, realizado no dia a dia. Portanto, somos educados pela comunidade e em nome dela.

Com relação ao sentido *Stricto Sensu*, em sua forma restrita a educação refere-se aos diversos processos que envolvem a questão da escola e do ensino. Para Florestan Fernandes (1977), no mundo moderno, poucos países possuem problemas educacionais tão graves, quanto o Brasil. A educação brasileira não consegue responder às demandas sociais, econômicas da sociedade. Nossas instituições educacionais não conseguem se ajustar de forma estrutural e funcionalmente, às exigências, específicas da maior parte de nossa população. Complementando essa discussão comenta SEVERINO (2002, p.7):

O que se constata, no entanto, com relação à educação brasileira, é que ela está significativamente deficitária. O déficit educacional expressa-se em números muito elevados. Tal situação cobra de todos os brasileiros sensíveis ao valor da dignidade da pessoa humana, e portanto de sua postura ética, o seu decisivo compromisso de estar fazendo com que sua prática político-educativa se transforme em investimento competente na consolidação das condições de trabalho, na construção da cidadania e da democracia e na expansão da cultura simbólica, utilizando-se de todos os recursos disponíveis, de modo especial, a ferramenta do conhecimento.

Diante de tais problemas, muitos deles históricos, como enfrentar esse desafio, ou seja, de pensar em uma educação de qualidade à grande parcela da sociedade brasileira? Como a sociologia pode contribuir na resposta a esses problemas?

O professor e político Florestan Fernandes dizia que era preciso tratar de maneira racional os problemas educacionais. Somente assim, o país teria uma transformação em sua educação. É a partir desse momento que vislumbramos as contribuições da sociologia para o campo da educação.

Para o autor a resposta estaria na possibilidade de uma associação entre os sociólogos e os educadores, na realização de projetos que venham contribuir com o processo educacional como um todo. Por outro lado, deveria ocorrer uma relação mais estreita, entre as pesquisas seus resultados e sua aplicação.

Enfim, a sociologia voltada para a educação (sociologia da educação)

trata-se de uma análise científica dos processos e regularidades sociais existentes no sistema educacional. Como sugere BROOKOVER (1977, p.4):

Isto implica que a educação consiste numa combinação de ações sociais, e que a sociologia consiste na análise da interação humana. Tal análise da interação humana, na área da educação, pode abranger tanto a educação formal que se realiza em grupos sociais como a escola, como a multiplicidade de processos de comunicação informal que desempenham funções educativas. Finalmente, uma adequada sociologia da educação deve apresentar hipóteses concernentes a tais relações humanas, constituindo o “corpo teórico” a ser verificado através de pesquisas.

Com relação à formação de professores é inegável a contribuição e importância da sociologia. É lugar comum hoje em dia o estado em que se encontra a educação em nosso país. Para os profissionais que se dedicam educação, e em especial na formação de professores, são comuns os desabafos, as desistências, a perplexidade dos profissionais frente ao quadro atual da educação pública no Brasil.

Para C. W. Mills é preciso desenvolver uma “qualidade de espírito”, que só se desenvolve com a imaginação sociológica. Explica o autor:

A imaginação sociológica capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para a vida íntima e para a carreira exterior de numerosos indivíduos. Permite-lhe levar em conta como os indivíduos, na agitação de sua experiência diária, adquirem frequentemente uma consciência falsa de suas práticas sociais. Dentro dessa agitação, busca-se estrutura da sociedade moderna, e dentro dessa estrutura são formuladas as psicologias de diferentes homens e mulheres. Através disso, a ansiedade pessoal dos indivíduos sobre fatos explícitos e a indiferença do público se transforma em participação nas questões públicas (MILLS,1982, p.12).

Assim, para Mills (1982) esta seria a primeira lição da imaginação sociológica. Segue o autor:

A ideia de que o indivíduo só pode compreender sua própria experiência e avaliar seu próprio destino localizando-se dentro de seu período; só pode conhecer suas possibilidades na vida tornando-se cômico das possibilidades de todas as pessoas nas mesmas circunstâncias (MILLS,1982, p. 18).

Nesse sentido, constatamos que para aqueles que trabalham com

formação dos profissionais da educação, faz-se necessário à imaginação sociológica. Concluindo a questão sobre a contribuição da sociologia para a formação, afirma CÂNDIDO (1977, p. 18):

Praticamente, o conhecimento sociológico da escola pública habilita o educador a compreender a sua função e, sobretudo, a orientar convenientemente os problemas pedagógicos. Se cada escola é um grupo característico, o educador só poderá agir nele adequadamente se for capaz de proceder à análise desta situação e traçar as normas convenientes de ajustamento social, sem o qual periga a eficiência pedagógica.

Considerações finais

Quando abordamos o sentido e o significado das disciplinas de filosofia e sociologia nos cursos de graduação, em especial no curso de formação de professores –Pedagogia -, deparamos com o indivíduo (aluno) que está em busca de uma formação intelectual, social, política, profissional e ética. Assumindo progressivamente uma postura diferente de ser, propondo-se contribuir para um futuro melhor para si e para sociedade. As disciplinas de fundamentos o possibilitam compreender o seu cenário sócio-histórico e seu significado para vida, assumindo uma postura de pertença e participação nas questões públicas com autonomia e responsabilidade. Pois, o aluno é sempre conduzido a compreender o seu processo de formação acadêmica, não só para vida, mas para viver em comunidade e prestar serviço à comunidade, ao outro.

Portanto, aulas de filosofia e sociologia propicia ao aluno o exercício da democracia e da cidadania. Ele aprende a expor suas ideias e a ouvir os colegas e professores. Ele é desafiado pelos seus mestres e percorre o caminho que conduz a aprendizagem, ao conhecimento. Portanto a educação é uma prática humana direcionada por várias concepções teóricas.

Como disciplinas fundamentais para a formação, o importante é lembrar que viver em sociedade é uma “coisa”, compreender e interpretar essa mesma realidade é outra bem diferente, essas seriam, portanto, suas grandes contribuições.

Bibliografia

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à filosofia**. São Paulo: moderna, 1999.

BROOKOVER, Wilbur B. **Áreas da sociologia da educação**. In: FORACCHI, Marialice M. PEREIRA, Luiz (org.). Educação e sociedade. Rio de Janeiro: Companhia editora nacional, 1977.

CÂNDIDO, Antônio. **Tendência no desenvolvimento da sociologia da educação**. In: FORACCHI, Marialice M. e PEREIRA, Luiz (org.). Educação e Sociedade. Rio de Janeiro: Companhia editora nacional, 1977.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2002.

COSTA, Maria C. C. **Sociologia: introdução à ciência da sociedade**. São Paulo: Moderna, 2005.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia: história e grandes temas**. São Paulo: Saraiva, 2002.

FERNANDES, Florestan. **Educação e sociedade no Brasil**. São Paulo: Ed. Dominus, 1966.

_____. **O dilema educacional brasileiro**. In: FORACCHI, Marialice M. e PEREIRA, Luiz (org.). Educação e Sociedade. Rio de Janeiro: Ed. Companhia editora nacional, 1977.

GAARDER, Jostein. **O Mundo de Sofia: romance da história da filosofia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

JULIATTO, Clemente Ivo. **Parceiros Educadores: estudantes, professores, colaboradores e dirigentes**. Curitiba: Champagnat, 2007.

MANNHEIM, Karl. *Introdução à sociologia da educação*. São Paulo: Editora Cultrix, 1962.

MILLS, Charles Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1982.

SEVERINO, A Joaquim. *Filosofia*. São Paulo: Cortez, 2002.

TOMAZI, Nelson D. *Iniciação à Sociologia*. São Paulo: Ed. Atual, 2006.